



SESSÃO TEMÁTICA Nº 08 ESTADO E DEMOCRACIA: REPRESENTAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E CONTROLE SOCIAL NA GESTÃO PÚBLICA

CONTRAMOVIMENTOS? INVENTARIANDO OS REPERTÓRIOS DOS MOVIMENTOS DE DIREITA DO RIO GRANDE DO NORTE

**Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira/PPEUR/UFRN
Lindijane de Souza Bento Almeida/UFRN
Ana Vitória Araújo Fernandes/Observatório das Metrôpoles/UFRN
Raquel Maria da Costa Silveira/UFRN**

Resumo:

Após o ciclo de protestos de junho de 2013 no Brasil, emergiram grupos nacionalistas, conservadores e declaradamente de direita atuando nas mais diversas esferas. Tal contexto incitou debates teóricos que buscaram compreender a atuação desses grupos organizados de direita. No âmbito do Rio Grande do Norte, estudos como de Almeida et al (2020) apontaram para o surgimento dos seguintes grupos: i) Rede de Apoio à Democracia e Atitudes Republicanas (RADAR); ii) Movimento Brasil Livre (MBL) e iii) Força Democrática (FD). Desse modo, como continuidade da pesquisa, o presente estudo tem por objetivo compreender os repertórios dos movimentos de direita de Natal e se estes são contramovimentos. Para tanto, utilizou-se da análise documental de publicações digitais dos movimentos analisados, entrevistas semiestruturadas com os representantes e um banco de dados de protestos construído com base na metodologia de Análise de Eventos de Protestos (AEP). Os dados apontaram que esses grupos organizados possuem quatro principais formas de atuação, são eles: realizando protestos, escrevendo cartas, organizando reuniões públicas e, mais recentemente, participando de instituições participativas. Além disso, das três organizações analisadas, apenas o RADAR apresenta características de um contramovimento, uma vez que esse grupo vem demonstrando oposição a interesses de movimentos sociais ligados ao desarmamento, educação, gênero e religião.

Palavras-chave: Repertórios. Movimentos de Direita. Contramovimentos. Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO

Um dos apontamentos diagnosticados na literatura (PEREZ, 2021) a respeito dos efeitos do ciclo de protestos de Junho de 2013 é a emergência de grupos ativistas de direita. Desde a redemocratização, grupos de direita estavam fragmentados em várias frentes cuja única unidade seria um Estado mínimo (KAYSEL, 2015, p. 68), mas, desde 2004, uma nova direita vem se estruturando no país (ROCHA, 2018). Esses grupos voltam à cena a partir do governo Lula por causa dos escândalos de corrupção em torno do Mensalão. A partir desse ponto é que surge, em 2007, nas ruas da capital paulista, o movimento Cansei.

Esse movimento serviu para reforçar os contra públicos de direita existentes no Brasil que, pela falta de espaço público para discussão, começavam a ganhar força em comunidades da rede social *Orkut* para debater, sobretudo, pautas Liberais e Ultraliberais (ROCHA, 2018). Outro fator que agia nos bastidores para formação desse contra público de direita foram as *Think Tanks* surgidas nessa época como o Instituto Millenium, fundado em 2005, e o Instituto Mises Brasil, em 2007 (ROCHA, 2015). Assim, apesar do ciclo de protestos de Junho de 2013 não ser o responsável por criar os grupos de ativismo de direita, é a partir de lá que esses movimentos passam a traçar estratégias táticas de atuação em prol da disputa pela esfera pública que perdura até hoje, como organização de protestos, fóruns de debate e etc.

Desse modo, regressa no Brasil pós-junho de 2013, o debate iniciado nos Estados Unidos na década de 1950 sobre a aplicação da categoria contramovimentos sociais. Esse conceito é definido como grupos que se constroem em oposição e conflito com os movimentos sociais de determinado segmento da sociedade, bem como que o processo de organização tende a apresentar fortes similaridades com os movimentos sociais opositores (SILVA; PEREIRA, 2020). Porém, a literatura se divide no ponto em que argumenta que para além de fazerem oposição a movimentos sociais, os contramovimentos estão vinculados a uma posição ideológica, no caso, conservador, e/ou um grupo social específico, as elites ou classes dominantes (SILVA; PEREIRA, 2020).

Como forma de testar o uso dessa categoria essa pesquisa questiona a partir dos repertórios dos movimentos de direita de Natal e se estes são contramovimentos. No estado do Rio Grande do Norte (RN), grupos de ativismo de direita já foram identificados em outras duas ocasiões (SILVEIRA et al, 2019; ALMEIDA et al, 2020). Para este estudo, optamos por analisar os seguintes grupos: Rede de Apoio a Democracias e Atitudes Republicanas (RADAR), Movimento Brasil Livre (MBL) e o Força Democrática (FD). Com isso, a presente pesquisa tem

por objetivo compreender os repertórios dos movimentos de direita de Natal e se estes são contramovimentos.

Metodologicamente, esse trabalho busca compreender os repertórios dos movimentos de direita do RN e aplicar o filtro da categoria contramovimentos a partir da análise documental de publicações digitais dos referidos movimentos por meio das redes sociais ou de sítios e entrevistas semiestruturadas realizadas em 2019. Além disso, foi utilizado um banco de dados de protestos construído com base na metodologia de Análise de Eventos de Protestos (AEP).

A AEP consiste em um tipo de análise de conteúdo quantitativa que transforma palavras em números, permitindo o mapeamento das ocorrências e características de protestos como áreas geográficas e movimentos sociais, no transcorrer de um recorte temporal (HUTTER, 2014). A construção do banco de dados de protestos que deu base a esse trabalho adotou como parâmetros compreender a quantidade, a natureza e os atores envolvidos nos protestos no RN, no período de 2013 a 2019, a partir da coleta de dados nos dois principais veículos de comunicação acessados no RN: o jornal Tribuna do Norte e o G1.rn.

A coleta de reportagens partiu da utilização de quatro palavras-chaves, como forma de buscar o conteúdo jornalístico relacionado à temática abordada neste artigo, sendo elas: i) protestos; ii) greves; iii) movimentos sociais; iv) sindicatos. Foi considerado o recorte temporal partindo da análise do ano de 2013, uma vez que este marca a grande retomada de protestos como estratégias performáticas de confrontação, finalizando em 2019.

Este estudo está estruturado em duas seções, para além das introduções e considerações finais. A primeira seção chama a atenção para o debate em relação aos novos ativismos de direita no Brasil, e em especial discute o conceito de contramovimentos no Brasil. Já a segunda seção ressalta os achados do estudo realizado no contexto do estado do Rio Grande do Norte, destacando a interseção existente entre duas pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa Estado e Políticas Públicas da UFRN, ao longo dos últimos três anos: uma com foco nos movimentos estudados e a outra com foco nos protestos realizados no estado do RN.

NOVOS ATIVISMOS DE DIREITA E CONTRAMOVIMENTOS NO BRASIL

O discurso participacionista do PT foi largamente expandido quando o partido, a partir de uma inclinação para o centro, construída por meio de forte coalizão com outras agremiações e setores chaves das classes dominantes, fecha acordo para manutenção dos elementos da macroeconomia. Desde então houve gradativo aumento no investimento em políticas econômicas, sociais e redistributivas, bem como, genérico aumento nas instâncias participativas. Antes, conselhos e conferências somente eram realidade no desenho das políticas sociais (saúde,

educação, assistência social e habitação), passando a estar presente em variadas outras políticas, como urbana, transversais e identitárias (ROMÃO, 2015).

Porém, diante desse contexto, emergem os escândalos de corrupção relacionados aos mecanismos de compra de votos de parlamentares da Câmara em favor da aprovação de projetos da coalizão governista. Esse escândalo logo ficou conhecido como mensalão, tendo a mídia atingido um protagonismo tal capaz de articular as forças direitistas (KAYSEL, 2015). A partir desse ponto é que surgiu, em 2007, nas ruas da capital paulista, o movimento Cansei, surgido após o acidente com o voo 3054, tendo como um dos seus principais articuladores o atual governador de São Paulo, João Dória Júnior, a Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo e algumas celebridades.

As principais pautas nesse momento eram contra a corrupção da máquina pública e a gestão do PT do então presidente Lula. Contudo, esse movimento apesar de reativar as direitas não foi capaz de mobilizar a nível nacional, voltando a colocar suas pautas somente depois de junho de 2013. Os eventos de junho de 2013, que mobilizaram o país por cerca de um mês, são, como defendem muitos pensadores, uma narrativa ainda em aberto. Para Singer (2012), tais mobilizações têm origem em momentos anteriores ao governo de Governo Dilma Rousseff, Presidenta da República à época das manifestações. Sua gênese seria datada, portanto, no fim do Governo Lula - governo esse que apesar de muito bem avaliado popularmente teve o seu final de mandato agravado em razão da Crise Mundial de 2008 – e na dificuldade encontrada por Dilma Rousseff para manter aquilo que Singer (2012) denominou de Lulismo, momento político que aqueceu o fluxo econômico do país.

Logo, as jornadas de Junho de 2013 também podem ser tidas como a representação nacional de uma “rede” de protestos internacionais originadas por disputas político-bélicas (PEREZ, 2021), por um lado, como no caso do Egito e da Turquia, ou pelas consequências da crise econômica internacional que aterrou economias nacionais do velho continente. No Brasil, os eventos de Junho de 2013 caracterizam uma nova expressão das manifestações, uma vez que seguiram o mesmo ideário de reivindicações da qualidade na prestação dos serviços públicos dos países centrais.

No caso particular brasileiro, observou-se uma maciça indignação com os altos custos das obras da Copa do Mundo FIFA de 2014 e a continuidade do baixo investimento na prestação de serviços por parte do Estado (saúde, educação, saneamento, transporte e habitação), sempre atrelados ao discurso de corrupção por parte de agentes do Estado brasileiro. Nesse sentido, Bringel e Pleyers (2015, p. 6) afirmam que a “diferenciação dos ritmos, composições e olhares dos protestos nos vários lugares onde ocorreram nos leva à importância

de situar as mobilizações em diferentes coordenadas espaço-temporais”. Agregam, desse modo, mais uma característica às manifestações: a multiescalaridade espacial dos acontecimentos.

Os eventos de junho de 2013, diferentemente de outros dois momentos marcantes de manifestações de Rua no Brasil (manifestações pelas Diretas Já e os Cara Pintadas), seguiram uma onda de protestos globais, também conectados prática e simbolicamente com escalas locais de ação. Não obstante, ressalta-se, ainda, a capilaridade das manifestações em todo o território nacional. O fato é que os eventos de junho de 2013 representam, para parte majoritária dos seus intérpretes, um ponto de inflexão que promoveu uma “abertura societária” (BRINGEL; PLEYERS, 2015) no processo de construção democrática brasileira. Essa abertura, promovida pelos eventos de Junho de 2013, mexeu diretamente com o ativismo social no Brasil, representando também uma “janela de oportunidades” para novos movimentos sociais.

Desse modo, a partir de Junho de 2013 tornou-se possível identificar nos movimentos societários dois polos radicalmente antagônicos (BRINGEL; PLEYERS, 2015). Por um lado, há um campo progressista orientado por valores como igualdade e justiça, que consiste numa:

[...] camada diversa de jovens, coletividades, plataformas e movimentos que têm militado na denúncia (e na tentativa de eliminação) das hierarquias, da opressão e dos abusos do Estado – principalmente, violência, racismo institucional e criminalização – e em reivindicações variadas, como a qualidade dos serviços públicos e por uma vida mais humana nas cidades (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 12).

Por outro lado, surgiu um campo reacionário marcado pelo autoritarismo, traços antidemocráticos de defesa dos privilégios de classe e, também, de uma visão liberal. Tal campo seria pautado por:

[...] seus discursos e na prática cotidiana, as estruturas de dominação e as formas de opressão. Aceita a alta desigualdade social existente no país com um discurso da inevitabilidade e/ou da meritocracia. Prega, em alguns casos, pelo retorno de um passado melhor (a ditadura), para o qual não teme pedir a intervenção militar. Conta, em geral, com apoio e atua em colusão com as elites econômicas e midiáticas. Costuma atuar nos bastidores da política, embora combine agora estas estratégias com uma novidade: o recurso à mobilização nas ruas e à ação direta (BRINGEL; PLEYERS, 2015, p. 12-13).

É justamente sobre essas características dos movimentos sociais surgidos no pós Junho de 2013, onde estão encaixadas as direitas, que abriram uma agenda de pesquisa sobre os sentidos e aplicações do conceito de contramovimentos no Brasil.

Os movimentos sociais na abordagem do conflito político são uma política contenciosa com limites fluídos, ou seja, são a interação conflituosa entre grupos detentores do poder e grupos que não detém, em torno de agendas específicas (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001). Naturalmente, a expressão pública de demandas por movimentos sociais tende a

mobilizar contramovimentos as suas reivindicações, ou seja, movimentos opositores em maior ou menor grau e em determinadas questões de alguns setores da sociedade. Assim, entender o teor desse debate é de suma importância para compreensão do atual contexto de ressurgência de grupos de ativismo de direita no Brasil desde Junho de 2013.

O conceito de contramovimentos têm um escopo de poucos trabalhos desenvolvidos na literatura brasileira e latino-americana, contudo, apresenta amplo desenvolvimento na literatura norte-americana que se inicia nos anos de 1950, como aponta revisão feita por Silva e Pereira (2021). Ainda em sua revisão, Silva e Pereira (2021, p.5) apontam que, na trajetória, o conceito passou por várias interpretações e propostas, mas que “um elemento comum a todas as definições de contramovimentos é que estes se constroem em relação de oposição e conflito com movimentos sociais que desafiam ou ameaçam interesses, valores, modos de vida, posição social, entre outros aspectos, de determinado segmento da sociedade”.

Na principal elaboração teórica sobre o conceito, nos anos de 1990, Meyer e Staggenborg (1996) reforçam um “contra-movimento” como um movimento que faz simultaneamente reivindicações contrárias àquelas de movimentos sociais originais. Os autores colocam também que contra-movimentos funcionam como redes de indivíduos e organizações que partilham os mesmos objetos de interesse - Estado e políticas públicas e disputam a atenção da mídia e da opinião pública - dos movimentos sociais aos quais eles se opõem.

Porém um debate interno das correntes teóricas ganha destaque quanto à vinculação do conceito a uma posição ideológica e/ou a um grupo social. Nesse sentido, Pichardo (1995) argumenta que contramovimentos que se originam ou são desenvolvidos por elites tem sua estrutura organizacional fortemente ligada nos recursos que essa camada da sociedade pode mobilizar em função do seu poder econômico. Para esse autor, em tese, contramovimentos dependeriam menos de repertórios de mobilização da sociedade para realizar suas ações confrontacionais, utilizando-se de outras estratégias como uso da mídia, instituições políticas e etc.

Por último, uma outra definição de contramovimentos é trazida ao centro dessa discussão. Warnick (1977) aponta que os movimentos conservadores de resistência que tentam bloquear a mudança social que visa melhorar a sociedade ou trazer maior igualdade social devem ser entendidos como contramovimentos. Na concepção da autora, os ativistas desse tipo de contramovimento constituem uma minoria considerável, atuando de forma semelhante com outros tipos de movimento de três formas. Primeiro, quanto ao padrão de seu ciclo de vida, começa com a percepção de um problema e segue para um apelo. Em segundo lugar, a forma de resistência conservadora desse tipo de contramovimento tem uma retórica que se assemelha a de outros movimentos e inclui discursos, canções, panfletos, publicações em grupo, piquetes,

protestos e até mesmo violência simbólica. Por último, contêm extremistas e facções moderadas que influenciam tanto a liderança quanto o caráter externo do movimento.

Assim, levando em consideração que movimentos e contramovimentos dispõem dos mesmos modelos analíticos, adotaremos adicionalmente o conceito de repertórios, que diz respeito a um conjunto de rotinas utilizáveis num determinado contexto histórico e atual por movimentos sociais (MCADAM; TARROW; TILLY, 2001), para compreender se estratégias táticas desenvolvidas pelos movimentos de direita no Rio Grande do Norte podem ser tidas como de contramovimentos.

MOVIMENTOS SOCIAIS E PROTESTOS NO RN: repertórios e pautas

A partir de trabalhos anteriores (SILVEIRA et. al, 2019; ALMEIDA et. al, 2020), foi possível estudar três grupos organizados, o Rede de Apoio a Democracias e Atitudes Republicanas (RADAR), Movimento Brasil Livre (MBL) e o Força Democrática (FD). Esses movimentos iniciaram suas atividades a partir de 2014, sem nenhuma conexão com as Jornadas de Junho de 2013, apesar de ter lideranças jovens que eram parte do perfil dos protestantes daquele ciclo (AVRITZER, 2016) e, que poderiam ter participado dos protestos no ano anterior. Outro ponto importante é o fato deles atuarem majoritariamente na cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, apesar de buscarem mobilizar grupos do interior do estado nas cidades de Mossoró, Parnamirim e Açu.

A partir do resultado de duas pesquisas desenvolvidas anteriormente, uma que tratava dos movimentos sociais na cidade do Natal/RN e outra que tem como metodologia a Análise de Evento de Protesto, foi possível perceber que havia uma interseção entre os movimentos de direita e os protestos realizados no RN. Deste modo, notou-se que os movimentos de direita possuem quatro formas específicas de repertório de ação, sendo elas: realizando protestos, escrevendo cartas, organizando reuniões públicas e participando, mais recentemente, de audiências públicas.

No momento em que as entrevistas foram realizadas, no ano de 2019, os representantes dos três movimentos declararam que era pretensão do movimento promover candidatos que levantassem as suas bandeiras no âmbito do legislativo e executivo municipal, estadual e nacional. Embora esse ponto tenha sido comum a todos, os movimentos se diferenciam quanto aos repertórios de atuação. A seguir será exposto como os movimentos utilizam esses repertórios.

O primeiro repertório abordado são as cartas. Dentre os movimentos entrevistados, foi possível identificar que apenas o RADAR utiliza essa estratégia, entre os anos de 2016 e 2017,

direcionadas, majoritariamente, a instituições do Legislativo e Judiciário nacional, conforme indicado a seguir:

Quadro 1: Cartas como repertório do RADAR

Nº	Ano de publicação	Mês de publicação	Título da carta
01	2016	Abril	Carta aberta aos comandantes militares das Forças Aéreas
02	2016	Junho	Carta de apoio ao Juiz Sérgio Moro
03	2016	Julho	Carta aos ministros do STF
04	2016	Novembro	Carta aberta à ministra Carmem Lúcia
05	2016	Novembro	Carta aberta ao Ministro Gilmar Mendes
06	2017	Abril	Lei de Migração – carta ao Ministro Chefe do GSI e ao Cmt. Do Exército
07	2017	Abril	Carta ao Dep. Federal Paulo Roberto Severo Pimenta – PT/RS
08	2017	Abril	Carta ao Congresso – De que lado da moeda está Vossa Excelência?
09	2017	Maior	Nova carta aos congressistas
10	2017	Junho	Manifesto público contra a Greve de 30 de junho
11	2017	Agosto	Apoio à Polícia militar do Rio Grande do Norte
12	2017	Dezembro	General Hamilton Mourão – Patriota ou indisciplinado?

Fonte: elaboração própria, 2021.

O representante do RADAR ao ser entrevistado, expressou que esse movimento é tido como “a razão” de outros grupos organizados da direita do Rio Grande do Norte, em especial, o Força Democrática, por esse motivo, eles se apropriaram de outros repertórios de interação que possa apresentar de forma mais clara o posicionamento do movimento, sobretudo, em relação a

questões no âmbito nacional, seja no Legislativo, no Executivo ou no Judiciário. De acordo com um dos representantes entrevistado:

É, na realidade o Força Democrática é como eu falei para você, o Força Democrática é emoção, é aquela vontade do pessoal ir para rua, de chamar, certo? E o Radar já o suporte que dá para os próprios grupos de direita, certo? Na hora que se diz, vamos fazer um movimento? Ai dentro do Radar diz: vamos acompanhar? Aí o Radar acompanha dando suporte, dando pessoas para falar dentro do evento ou indo também de encontro a várias situações que está pertinente aquele evento, né? Por exemplo, o ministro Dias Toffoli tomou uma decisão que não é de agrado de uma forma geral para o Brasil, certo? Aí vamos lá, o Radar se posiciona e diz: estamos junto, estamos junto com todos os grupos de direita, é mais ou menos nessa linha tá? (Representante do Radar, setembro de 2019).

Dos movimentos entrevistados, o RADAR foi o único que apresentou as cartas em seu endereço eletrônico e reforçou na entrevista que utiliza esse repertório como forma de manifestação de seus posicionamentos. Apesar disso, é válido destacar que a última atualização das cartas ocorreu no ano de 2018, ano da eleição presidencial.

Quanto à utilização de reuniões públicas, pode-se perceber que esse é um repertório utilizado pelo RADAR e pelo MBL. O primeiro movimento realizou um total de vinte e três eventos, ocorridos entre os anos de 2016 a 2019, dentre os quais em dezenove foram discutidas temáticas relacionadas ao sistema político brasileiro, à gestão pública e à corrupção. Contudo, em quatro reuniões, houve discussões de temáticas referentes a: o Estatuto do desarmamento, o sistema Educacional brasileiro, Ideologia de Gênero e Teologia da Libertação, conforme pode ser visualizado a seguir:

Quadro 2: Temáticas discutidas nas reuniões públicas do RADAR

Nº	Ano	Mês	Título da palestra	Cidade
01	2016	Agosto	O Estatuto do desarmamento	Natal
02	2016	Outubro	A Importância da Atividade de Inteligência para a Governabilidade	Natal
03	2017	Janeiro	O sistema Educacional brasileiro	Natal
04	2017	Agosto	A subversão e suas consequências	Natal
05	2017	Agosto	"Foro de São Paulo" - Origem e o Impacto direto na crise instalada no Brasil	Natal
06	2017	Outubro	A Reforma Trabalhista - Lei nº 13.467	Natal
07	2017	Outubro	O sistema monetário mundial	Natal

08	2017	Novembro	Ideologia de Gênero	Mossoró
09	2017	Novembro	A intentona comunista de 1935	Não informado
10	2017	Outubro	história da criação do Grupo e sua caminhada	Mossoró
11	2018	Fevereiro	Os eixos do desenvolvimento potiguar	Não informado
12	2018	Março	A guerra cultural no Brasil	Natal
13	2018	Junho	Comando de operações aeroespaciais	Natal
14	2018	Julho	Efeitos adversos do uso da Maconha (Cannabis sativa) na saúde: repercussões para toda a sociedade	Natal
15	2018	Novembro	A integração das águas do RN	Natal (UFRN)
16	2019	Fevereiro	Água subterrânea e Mineração, soluções para o Rio Grande do Norte.	Natal
17	2019	Março	Aspectos legais e constitucionais do processo de Impeachment contra Ministros do STF	Natal
18	2019	Abril	A Fazenda Solar: programa de fortalecimento da propriedade rural do Nordeste	Natal
19	2019	Maio	Hegemonia cultural/Marxismo versus Pluralidade de ideias	Natal
20	2019	Junho	Segurança da informação e crimes digitais	Natal
21	2019	Agosto	Teologia da Libertação no Brasil: origem e atualidade.	Natal
22	2019	Setembro	Globalismo e Geopolítica da Amazônia	Natal
23	2019	Outubro	Foro de São Paulo: América Latina sob ataque	Natal

Fonte: elaboração própria, 2021.

No caso do MBL, verificou-se, em suas redes sociais, que, em nível nacional, há reuniões para debater questões relacionadas à formação teórica sobre gestão, marketing, ação política e entre outros. Conforme expressado nas entrevistas, embora o MBL busque estratégias para fortalecer os ideais em nível nacional, nos estados e municípios, eles consideram que a

maior frente do movimento é por meio da militância política. Conforme destacou o representante do movimento em entrevista realizada:

Hoje eu diria que é o seguinte, o movimento se divide em três pilares: eu diria que o primeiro hoje é o da comunicação, o segundo seria o da militância política, de você por exemplo, ir em uma câmara municipal, assembleia legislativa, saber o que está sendo pautado no debate público local e o terceiro, ele é institucional, que você pode observar pela trajetória do movimento que começou lá com Fernando Holiday sendo Vereador pelo estado de São Paulo, mais outros vereadores nas eleições de 2016 e essa parte institucional foi crescendo aí (Representante do MBL, setembro de 2019).

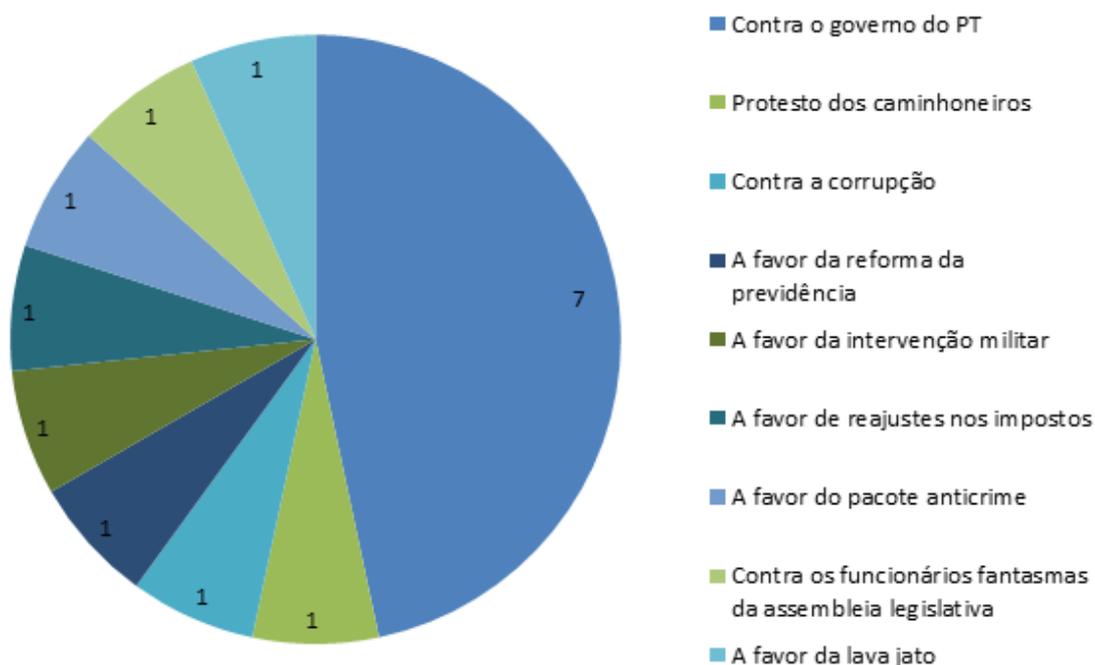
Desse modo, a estratégia dos movimentos de direita é ocupar espaços no Executivo e no Legislativo, por esse motivo, não há uma articulação marcante para ocupação em espaços colegiados de decisão e audiências públicas, como vem sendo a prática marcante da atuação dos movimentos de esquerda (ALMEIDA *et al.*, 2018). Os representantes do MBL declararam que embora não tenham atuação em instâncias participativas, há pessoas do movimento que acompanham discussões de forma não institucional. Nesse sentido, afirmou o entrevistado:

Não participamos da discussão de orçamento daqui do município, mas a gente está participando da discussão do plano diretor, inclusive, um membro do movimento que acompanha... é vice-presidente da comissão do plano diretor Natal pela OAB. Então, a gente está inteirado nesses assuntos, a gente está participando e o movimento tem uma posição, a gente acredita que o plano diretor deve ser visto, deve ser modernizado por que já está há doze anos parado e existe uma falta de disposição muito grande não só do poder legislativo, quanto o executivo. Então, a gente precisa entrar nessas discussões. Como a gente é um movimento liberal, a gente sempre vai divulgar em defesa que se gere mais empregos no plano diretor, melhore a infraestrutura da cidade, se abram mais espaços para você poder edificar, por que, por exemplo, em algumas regiões da cidade existe um limite para você edificar determinados prédios, determinadas casas. Então, a gente defende essa divisão e a gente tem uma pessoa que trabalha no movimento especificamente nessa área, que é vice-presidente da comissão do plano diretor pela OAB (Representantes do MBL, setembro de 2019).

Além disso, é importante destacar que ambos os movimentos participam apenas eventualmente de audiências públicas, pois isso depende dos temas que serão expostos. Nesse ponto específico, tendo em vista o enfoque dos conselhos, por exemplo, a atuação se restringe às pautas locais, como a aprovação do Plano Diretor de Natal, capital do RN.

No que diz respeito ao repertório de atuação, deve-se destacar, também, a realização de protestos. Apenas dois grupos mobilizaram essa forma de atuação, o FD e o MBL, enquanto que o RADAR funciona como fórum de interlocução e formação. Assim, foram identificados oito protestos de direita, sistematizados com base do banco de AEP, ocorreram entre os anos de 2015 e 2019. Esses protestos demandaram as pautas expostas no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Pauta dos protestos



Fonte: elaboração própria, 2021.

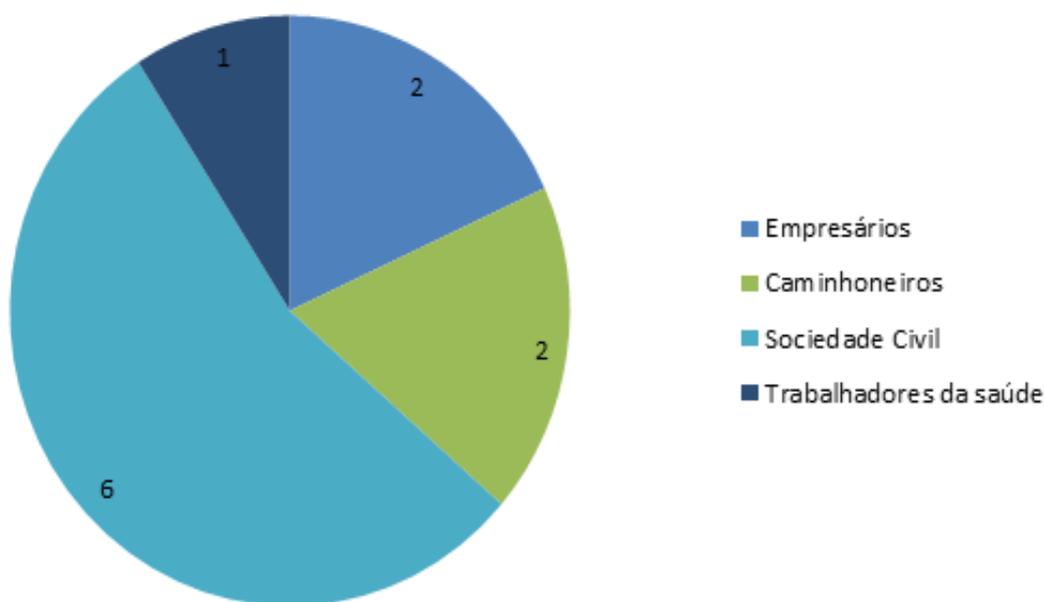
Dentre as pautas apresentadas nos protestos organizados por grupos de direita, vale destacar que apenas uma delas reflete o cenário do Rio Grande do Norte, as demais demandas são relacionadas ao contexto nacional e retratam notoriamente o ciclo de protestos contra o governo do Partido dos Trabalhadores no âmbito nacional.

Cabe ressaltar também que as pautas dos protestos muito se diferenciam das reivindicações apresentadas nas cartas e na representação nas instituições participativas. Ficando evidente que cada repertório utiliza uma abordagem diferente. Os grupos organizados de direita no Rio Grande do Norte ocuparam as ruas com um discurso unificado contra o Partido dos Trabalhos, seja pelo Fora Dilma, seja pelo pedido da não nomeação do ex presidente Luís Inácio Lula da Silva ou assimilando a corrupção à presença do PT no Executivo Federal.

Por outro lado, ocorre de forma distinta do que acontece no discurso exposto nas cartas, que apresentam pontos mais voltados a questões morais e conservadoras, como a favor de um formato tradicional da família e outros preceitos religiosos cristãos.

Nos eventos de protesto organizados pela direita, foi possível identificar a participação de atores diversos, como empresários, caminhoneiros e trabalhadores da saúde, além da sociedade civil (Gráfico 2). No caso dos trabalhadores da área da saúde, destaca-se a participação de grupos formados por médicos e demais manifestantes vestidos de verde e amarelo que se concentraram em área central da cidade de Natal em ato de protesto contra a corrupção e o governo Dilma Rousseff.

Gráfico 2: Atores identificados nos protestos considerados conservadores



Fonte: elaboração própria, 2021.

Quanto ao tipo de protesto realizado, de forma geral, sobressaíram-se a passeata, a marcha e o ato público (com sete ocorrências), identificando-se, também, a realização de bloqueios de estradas e piquetes foi um tipo de protesto utilizado pelos caminhoneiros.

Desse modo, reafirmamos o argumento de que o MBL e o FD são movimentos sociais (ALMEIDA et. al, 2020), no entanto, essa análise permitiu compreender que o RADAR até o ano de 2019 apresenta características de um contramovimento em formação, demonstrando oposição a abordagem das pautas de movimentos sociais relacionados a educação, desarmamento, gênero e religião.

Diante disso, por se caracterizarem como grupos que se constroem em oposição e conflito com os movimentos sociais de determinado segmento da sociedade, e seu processo de

organização tende a apresentar semelhanças com os movimentos sociais opositores (SILVA; PEREIRA, 2020), podendo estar vinculados a uma posição ideológica, no caso, conservador, e/ou um grupo social específico, as elites ou classes dominantes (SILVA; PEREIRA, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir, a partir do debate em torno do conceito de contramovimentos, sobre a atuação dos movimentos sociais de direita existentes no contexto do estado do Rio Grande do Norte, pós junho de 2013. A partir do aporte metodológico construído, chegamos à conclusão de que os movimentos sociais de direita no estudo, apesar de apresentar variados repertórios de ação e pautas, apenas um se caracteriza como um contramovimento em formação. Apenas o RADAR apresenta características de um contramovimento em formação, uma vez que esse grupo vem demonstrando oposição a interesses de movimentos sociais ligados ao desarmamento, educação, gênero e religião, mas não coloca em suas pautas morais e conversadoras as reivindicações dos protestos levados a cabo por esse movimento.

O estudo identificou ainda que os movimentos de direita possuem quatro principais formas de atuação, são eles: realização de protestos, publicação de cartas, organização de reuniões públicas e participação em Instituições Participativas.

Como vimos, a forma de mobilização do Radar se diferencia dos demais movimentos (MBL e do Força Democrática), e chama a atenção para o fato de que os movimentos sociais de direita vêm se consolidando nas suas atuações, começando a se aproximar da institucionalidade, por meio de cartas, mas, também, pela via das eleições.

A presença em espaços institucionais de participação, a exemplo do recente interesse do MBL no debate relativo à revisão do Plano Diretor de Natal, consiste em um exemplo. A atuação por meio de convocações para manifestações nos espaços da cidade, que, agora, passam a ser utilizados tanto pela direita quanto pela esquerda, consiste em outro exemplo.

Por fim, a pesquisa abre caminhos para que outros fatores sejam estudados, buscando-se compreender as peculiaridades locais e como se dá a relação desses movimentos sociais com os princípios que norteiam o Estado Democrático de Direito.

REFERÊNCIAS

ABERS, Rebecca; SERAFIM, Lizandra; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 57, n. 2, p. 325-357, 2014.

ALMEIDA, L. de S. B.; SILVEIRA, R. M. da C.; FERREIRA, G. D.; COSTA, T. T. B. Os movimentos sociais urbanos em Natal-Brasil: Um olhar acerca da sua atuação nos espaços institucionalizados de participação social. **Agenda Política**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 28–56, 2018.

ALMEIDA, Lindijane de Souza Bento *et al.* Direita e Esquerda em ação: Um estudo dos movimentos sociais urbanos em Natal/RN. **Anais XII ABCP**, v. 12, n. 1, 2020.

AVRITZER, L. **Os Impasses da Democracia no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. v. 1. 153 p.

BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... dois anos depois. **Nueva Sociedad**, p. 1-17, 2015.

HUTTER, Swen. **Protest event analysis and its offspring**. 2014.

KAYSEL, André. **Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras**. In: Sebastião Velasco e Cruz; André Kaysel; Gustavo Codas. (Org.). *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, v. 1, p. 49- 74

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova: revista de cultura e política**, n. 76, p. 11-48, 2009.

PÉREZ, Olivia Cristina. **Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013**. **Revista Izquierdas**, v.50, p. 1-16, 2021.

PICHARDO, Nelson A. **The power elite and elite-driven countermovements: The Associated Farmers of California during the 1930s**. In: *Sociological Forum*. Kluwer Academic Publishers-Plenum Publishers, 1995. p. 21-49.

ROCHA, Camila. **Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina**. **Direita, volver**, p. 261-278, 2015.

ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises\': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROMÃO, Wagner *et al.* Reflexões sobre as dificuldades da implementação da participação institucional no Brasil. **Idéias**, 2015.

SILVA, Marcelo Kunrath; PEREIRA, Matheus Mazzilli. Movimentos e Contramovimentos Sociais: o caráter relacional da conflitualidade social. **Revista Brasileira de Sociologia**, V. 08, n 20, 2020.

SILVEIRA, Raquel Maria da Costa Silveira *et al.* O Legado de junho de 2013: a percepção dos movimentos sociais urbanos em Natal/RN. **Anais XVIII ENANPUR**, v. 18, n. 1, 2019.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. Editora Companhia das Letras, 2012

WARNICK, Barbara. The rhetoric of conservative resistance. **Southern Journal of Communication**, v. 42, n. 3, p. 256-273, 1977.